

POR UMA ESCOLA SIGNIFICATIVA E CRÍTICA

Carla Coscarelli – ENTREVISTADA por Ana Elisa Ribeiro

Quando se pensa em leitura e tecnologias digitais, uma das primeiras pesquisadoras brasileiras que vem à cabeça é Carla Viana Coscarelli, que se dedica ao tema há mais de duas décadas. Além da competência em pesquisar e divulgar, com simplicidade e seriedade, seus achados de pesquisa, Carla é coordenadora de um projeto chamado Redigir, inspirador para milhares de professores que usam as atividades ali sugeridas em suas aulas, país afora.

Carla é professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde atua na graduação em Letras desde os anos 1980 e no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Fez mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos, na própria UFMG, e, mais recentemente, dois pós-doutorados no exterior, onde continuou se aperfeiçoando nas pesquisas sobre leitura e tecnologias. Nesta entrevista, que ocorreu entre um bom restaurante, o campus Pampulha da UFMG e algumas trocas de e-mails, a professora Coscarelli fala de seus livros, seus interesses de pesquisa, nossas questões escolares e tecnológicas, além de se mostrar positiva e otimista em relação ao futuro. Suas ideias e propostas são uma provocação às nossas melhores ideias e inspirações.

Muita gente conhece você pelos estudos sobre leitura e tecnologias digitais. Afinal, seu primeiro livro publicado foi *Novas tecnologias, novos textos, novos modos de pensar*, pela Autêntica, em 2002, reeditado em 2007. Naquela coletânea de textos que você organizou já aparecia seu forte interesse pelas questões do letramento digital, que se evidenciou no livro *Letramento digital*, também pela Autêntica, em 2005. Já são mais de 15 anos de pesquisas e publicações! Conte para nós essa trajetória de ensino e pesquisa relacionadas às tecnologias e à sala de aula.

Já são muitos anos de pesquisa. Eu comecei a pesquisar a leitura em ambientes digitais em 1994 no meu doutorado, quando o computador estava entrando nas casas das pessoas e nem havia internet ainda. Naquela época, não se usava o termo *letramento*. Eu não sabia, mas já estava fazendo pesquisa sobre o que hoje chamamos de *letramento digital*. Tudo começou ali e não parou mais. Durante esses mais de 20 anos, todo dia há uma novidade e as potencialidades dos aparelhos digitais aumentam. No livro *Novas tecnologias, novos textos, novos modos de pensar*, falávamos sobre hipertextualidade, ensino a distância, aprendizagem colaborativa, navegação, o uso de tecnologia digital em sala de aula, que são temas ainda muito discutidos e muito relevantes. Ainda há muito o que se discutir, aprender aplicar e testar. O *Letramento digital*, que fizemos uns anos depois, é um livro muito citado e nele tratamos de questões também importantes ainda hoje, como a exclusão digital, práticas pedagógicas que contribuem para o letramento digital dos alunos, os textos, a leitura e a produção de textos em ambientes digitais – incluindo aspectos como a multimodalidade e a hipertextualidade. Essas são questões que ainda estamos discutindo e fico feliz de ver que plantamos as sementinhas certas. Nesses livros, conto com a parceria de autores incríveis, grandes pesquisadores e grandes amigos, entre eles cito o Luiz Antônio Marcuschi e o

João Thomaz Pereira, que nos deixaram trabalhos lindos e que nos acompanham de uma outra esfera agora.

Nesses mais de vinte anos de investigações sobre esse tema, que tanto nos intriga até hoje, o que você pode destacar? O que você via sobre a questão há duas décadas e o que (não) vê hoje?

Tem sido muito bom acompanhar esse crescimento todo das tecnologias digitais. O celular é uma máquina incrível! Dá para acreditar que uma coisinha tão pequena seja tão poderosa e capaz de fazer tanta coisa? Isso é muito bonito. Há 20 anos não imaginávamos que um celular seria tão potente e não sabíamos que ele reuniria tantas mídias. Estava tudo começando ali, o celular e a internet. Sabíamos que muitas novidades estavam surgindo com os computadores, mas não tínhamos noção de que o desenvolvimento dessas tecnologias seria tão rápido e tão arrebatador. Apesar das surpresas, em 1999 eu terminava a minha pesquisa de doutorado dizendo que o computador, como qualquer outro recurso didático, não iria trazer bons resultados se fosse mal explorado. Lá eu dizia que as tecnologias tinham muito a contribuir, contudo, sabia que os bons resultados dependeriam sempre de como e com que finalidade elas seriam usadas. O sucesso não depende exclusivamente dos equipamentos, mas do uso que se faz deles. Hoje eu repito, ainda com convicção, uma frase que escrevi na conclusão do meu trabalho: “mais vale um velho jornal bem trabalhado do que um maravilhoso programa em multimídia mal usado”. Durante esses anos de pesquisa e de estudo, percebo claramente que existe uma base para a leitura e para a escrita que depende das habilidades do leitor e do produtor de textos. Ele precisa saber fazer algumas operações cognitivas, senão não dá nada certo. Nos últimos anos, tem me intrigado o fato de muitas pessoas ainda acreditarem que o universo digital seja completamente diferente do impresso e que o computador vá revolucionar a educação. Isso ainda não aconteceu e não vai acontecer, porque a mudança não vem do computador, vem das pessoas. Não adianta termos tecnologia de ponta e equipamentos supersofisticados se nossa concepção do que seja aprendizagem ainda está amarrada no behaviorismo ou na ideia de que só existe um caminho, ou de que só há uma resposta certa. Pelo contrário, há muitos caminhos e muitas respostas possíveis. Os nossos alunos precisam aprender a aprender, precisam ser bons leitores e bons escritores de diversos gêneros textuais.

Estamos passando por um momento delicado no país, incluindo uma proposta de reforma do ensino médio que mexe com a matriz curricular das escolas, e aí você menciona a formação de bons leitores... Você é uma pessoa crítica do funcionamento atual escolar. Como enxerga essas questões atuais e para o futuro?

Para quê aumentar o tempo dos alunos em sala de aula, se as aulas não são significativas para eles? Uma escola sem arte, sem educação física e na qual não se possa discutir política não será nunca um lugar interessante. O número de alunos brasileiros que cursam o ensino médio é pequeno. Temos 27 milhões de alunos no ensino fundamental e apenas 8 milhões no ensino médio. A maioria dos nossos alunos não frequenta o ensino médio por uma série de motivos, entre eles porque precisam trabalhar e porque a escola não costuma ser um lugar que ofereça experiências que eles considerem significativas, ou seja, a escola é um lugar ainda muito distante da vida dos alunos. Eles não conseguem perceber a contribuição daqueles conteúdos para sua vida pessoal e profissional (atual ou futura). Precisamos pensar uma escola na e para a vida. A escola precisa largar um pouco a rigidez dos conteúdos e ajudar os alunos a pensar, a fazer boas perguntas, a procurar por várias

possibilidades de respostas e escolher a melhor delas ou articular uma, considerando as contribuições de diversas perspectivas. Reformas curriculares não vão mudar a realidade da nossa educação. Precisamos de reformas na forma de encarar a educação no Brasil. Os professores merecem respeito e melhores condições de trabalho, as escolas públicas precisam de muito investimento nas instalações físicas, nos materiais de consumo, na formação continuada de professores, na melhoria de salários, nas bibliotecas, em computadores, em internet, essa lista é longa!

Você sempre pesquisou a leitura e a formação do leitor. Imagino como perceba essas propostas atuais que excluem a criticidade e o bom debate das salas de aula. O que é ler, afinal?

Esta é uma questão essencial. Somos a terra do mundialmente reverenciado Paulo Freire, que defende uma educação politizada, engajada, libertadora. Temos hoje uma corrente forte dos estudos do letramento que é o letramento crítico, de acordo com a qual a educação teria o papel de promover a emancipação, o empoderamento e a justiça social. É preciso que nossos alunos e os cidadãos da nossa sociedade sejam críticos, sejam capazes de questionar o sistema para poder também criar formas de transformá-lo, em busca de uma maior igualdade de oportunidades e de condições de vida para toda a sociedade, e não apenas para alguns privilegiados. Não podemos pensar uma escola que não desenvolva no aluno a capacidade de uma crítica bem fundamentada. Não queremos uma escola que doutrine ou que force o aluno a acreditar em uma só versão dos fatos. Queremos uma escola que ajude o aluno a considerar o mesmo fato por diversas perspectivas, focos e lentes, e assim chegue à sua conclusão, com elementos que sustentem, de forma consistente, a sua opinião.

Temos visto um debate sobre o uso excessivo de tecnologias móveis, especialmente o celular, entre jovens. E é provável que muitos deixem de ler livros e outros materiais mais tradicionais para seguir usando os dispositivos digitais. Como você enxerga este cenário em relação à leitura e à formação de cidadãos capazes de discernimento?

Essa é uma questão delicada. Mesmo defendendo o uso das tecnologias digitais, pois muito se aprende e se pode aprender com o bom uso delas, é preciso analisar as situações com cuidado. Não é bom uma criança querer usar o celular o dia todo, assim como não é bom que ela só queira ler o dia inteiro. Precisamos observar cada caso e procurar chegar a uma situação equilibrada. Precisamos desenvolver uma Educação Digital. Há muitas situações em que as pessoas deveriam ter um pouco mais de respeito com o outro e desenvolver uma conversa, olhando nos olhos, valorizando a presença do outro e tirando a atenção do celular. Mas não é só isso, a leitura não é só saber que palavras estão ali e formar frases com elas. O leitor tem de ler as entrelinhas. Não me importa muito onde as pessoas vão ler, se estão lendo no impresso ou no digital. O importante é que elas saibam selecionar, conscientemente, o que estão lendo e que sejam capazes de ler profunda e criticamente, ou seja, ler entendendo os ditos, os implícitos, os interesses, as jogadas, as estratégias retóricas, e se posicionando em relação ao que leem. Ler sem pensar não vale. É perigoso. Por isso, a escola deve formar bons leitores. É uma questão de cidadania, é a nossa chance de ter um país melhor, em todos os aspectos. Bons leitores podem ser tornar pessoas melhores, melhores profissionais, melhores cidadãos. E isso não é bom para quem está no poder e não quer largar dele, mas é ótimo para o país, para nossa sociedade. Uma educação para a autonomia do pensamento e

das ações tem grandes chances de criar pessoas que se sentem incomodadas com as injustiças e que percebem que pensar e buscar o bem comum é bom para todos.

Você é autora de um livro muito conhecido entre os professores: *O livro de receitas do professor de português*, publicado pela editora Autêntica em 2004. Certamente, sua inspiração vem do projeto maravilhoso que você coordena na UFMG, o Redigir. Fale um pouco sobre a história desses dois itens – livro e Redigir – que não podem faltar no nosso dia a dia de professores de língua materna.

Você está tocando em pontos muito apaixonantes para mim. Sou uma apaixonada pela educação, pela leitura, pelos textos e pelo Redigir. O Redigir começou em 1999, como um curso presencial para funcionários da UFMG, que queriam melhorar sua leitura e sua escrita. Depois, para facilitar a participação de funcionários de várias unidades fora do Campus, passou a ser um curso a distância. Eu trabalhava com o Prof. Lorenzo Vitral, colega da Faculdade de Letras da UFMG. Essa experiência deu muito certo e até hoje ofereço disciplina de leitura e produção de textos on-line para alunos de toda a universidade. Quando o Lorenzo saiu, comecei a criar atividades e postar na internet para quem quisesse fazer. Muitas pessoas faziam, eu e os bolsistas corrigíamos e dávamos *feedback* para as pessoas. Foi uma experiência muito rica. Fizemos isso durante alguns anos até que fiquei de licença para fazer um pós-doc e, quando voltei, muitos professores me perguntavam por que tínhamos parado de postar atividades no site do Redigir. Foi aí que eu descobri que muitos professores estavam usando as atividades. Começamos então a fazer atividades para o professor a partir daí. *O Livro de receitas do professor de português* foi uma reunião de práticas e atividades que eu usei com meus alunos, que eu via professores usando, e depois eu adaptava, registrava, comentava e acabei reunindo tudo nesse livro, que ainda funciona bem. Já ouvi muitas pessoas dizendo que usam. Relatos de professores que usaram atividades do livro me emocionam. Uma professora me disse que queria desistir do magistério, que estava cansada de tentar e nada dar certo, que os alunos eram terríveis e tal. Quando ela começou a usar as atividades do *Livro de receitas*, sentiu que a sala de aula tinha se transformado em um ambiente mais alegre e produtivo, que os alunos estavam mais envolvidos e interessados. Aí ela resolveu continuar dando aulas desse jeito, diferente do que ela fazia. Espero que ela ainda esteja dando aulas e esteja feliz fazendo suas próprias receitas. Isso é muito gratificante. Hoje continuamos postando atividades no site. Temos muitos acessos de todo o Brasil e de várias partes do mundo, e recebemos alguns comentários de professores que usam nossas propostas. Alguns nos enviam produções superlindas dos alunos. Ficamos numa alegria danada de ver os resultados. Já pensei muitas vezes em fazer o *Livro de receitas 2*, mas tem uma dificuldade que são os direitos autorais. Colocando no site, podemos usar os textos, os vídeos, as músicas, tudo o que queremos, no entanto, a publicação impressa disso vai ser complicada. Não sei se vamos conseguir usar esses materiais sem ter de pagar uma fortuna por eles. Mas a ideia está na cabeça, qualquer hora podemos encarar. O site é uma produção dinâmica, trabalho com bolsistas, voluntários e professores, alguns já me acompanham há muitos anos e produzimos as atividades num clima de muita satisfação e amizade. Acho que é por isso que elas ficam boas (modéstia à parte). Eu poderia falar mil horas sobre o Redigir. É um projeto muito legal e que, se depender de mim, ainda vai durar muitos anos. Aproveito para convidar todo mundo a fazer

uma visitinha no site - (<https://sites.google.com/site/redigirufmg/>) - e acompanhar o projeto no Facebook.

Seus livros mais recentes são *Hipertextos na teoria e na prática* (Autêntica, 2012), *Leituras sobre a leitura* (Veredas, 2013) e *Tecnologias para aprender* (Parábola, 2016), todos feitos com colegas estudiosos de temas muito atuais, no país inteiro. Você fez também dois pós-doutorados nos Estados Unidos, conheceu pesquisadores de vários países. O que temos feito aqui difere muito do que você conheceu pelo mundo?

Adorei esta pergunta. Está acontecendo uma coisa muito interessante. Antes da Internet, “tudo” acontecia na Europa e na América do Norte e, depois de alguns anos, as tecnologias e as pesquisas chegavam aqui. Agora temos acesso às pesquisas ao mesmo tempo que os pesquisadores do mundo todo. Os filmes, as músicas e as tecnologias são lançadas quase simultaneamente pelo mundo afora. Assim como as tecnologias, as questões que surgem delas também aparecem quase que ao mesmo tempo, em vários lugares, inclusive aqui. Sendo assim, podemos desenvolver pesquisas sobre os mesmos temas, junto com o resto do mundo, e temos feito isso. Temos desenvolvido pesquisas muito importantes. Esses livros que você citou e que eu tive a honra que organizar trazem pesquisas e reflexões de pesquisadores brasileiros maravilhosos e que só não são mais lidos pelo mundo porque são escritos em português. Sobretudo durante a minha última experiência de pós-doc, que foi em Kingston, EUA, em 2013/2014, quando eu contava para meus professores e meus colegas os resultados de nossas pesquisas, eles ficavam muito interessados e impressionados com tantos resultados importantes. Esses materiais e os artigos de muitos outros pesquisadores brasileiros mereciam ser traduzidos e divulgados nos exterior. Temos pesquisas e discussões muito produtivas, bem realizadas e confiáveis sobre hipertextualidade, leitura em ambientes digitais, multimodalidade, multiletramentos, letramento digital, gêneros textuais na web e tantos outros tópicos relacionados aos ambientes digitais. Temos também muitos materiais resultantes dessas pesquisas que propõem práticas interessantes de uso do universo digital para fins pedagógicos. É uma pena que nossas escolas não contem com uma internet rápida disponível para todos os alunos e professores.

Letramento, letramentos, multiletramentos... O debate continua vivíssimo? Em que sentidos?

Continua firme! A noção de letramento amplia o conceito de alfabetização, incorporando a ideia de uso das linguagens, e por serem várias linguagens, várias situações e propósitos de uso temos os letramentos, os letramentos adjetivados, como letramento literário, letramento midiático, letramento em marketing, letramento digital, letramento político, entre tantos outros que criamos para lidar com questões relativas a áreas específicas. Isso mostra que estamos aprofundando as discussões sobre as práticas de linguagem do mundo real. A perspectiva dos multiletramentos traz uma discussão muito importante porque lida tanto com a diversidade de linguagens envolvidas quanto com a diversidade de culturas. Não lidamos apenas com a linguagem verbal, e ela nem sempre é a mais relevante em todos os contextos. Os textos e as paisagens com os quais lidamos – orais, escritos, visuais, sonoros – são compostos por uma grande diversidade de linguagens que precisamos saber codificar e decifrar, o tempo todo. Isso exige um *know-how*, ou seja, exige de nós sermos bons leitores

e bons produtores de textos diversos. Além da diversidade de linguagens, à qual precisamos estar atentos, a abordagem dos multiletramentos nos chama atenção para a multiplicidade cultural das populações, para as misturas, o caráter híbrido de nossa sociedade. Não é uma questão de *a* melhor linguagem, *a* melhor música, *a* melhor arte, mas são as inúmeras possibilidades de criação com as linguagens. É uma questão de conhecer, reconhecer e valorizar a diversidade cultural. Isso tem reflexos intensos e positivos na formação do cidadão. Seria tão bom se todo mundo respeitasse o outro, se se emocionasse com as manifestações artísticas do outro, valorizasse outras variantes que não “o português padrão”. Minimizar o preconceito e maximizar o respeito. Isso seria muito bom.

Você certamente está trabalhando em temas que interessam a todos os que estudam, pesquisam e dão aulas relacionadas à leitura, à escrita e ao letramento. Será que você pode nos contar quais são seus planos acadêmicos e profissionais para o futuro próximo?

Planos eu tenho muitos, sempre. Vou continuar fazendo pesquisas sobre a leitura, sobre ler para aprender. Ensinar os alunos a fazer pesquisa é um projeto que me atrai muito. Eu vejo que a pesquisa escolar é muito voltada para a busca de informação sobre um tema. Em tempos de internet e de muita informação disponível, isso é pouco. Precisamos ajudar nossos alunos a levantar perguntas, a planejar uma pesquisa, a levantar e analisar dados, a embasar teoricamente essas análises e a chegar a possibilidades de conclusões. Para isso, precisam ter boas estratégias de navegação e de leitura. Este ano, no Redigir, vamos trabalhar bastante com a leitura do texto literário, tanto impresso quanto digital, como poemas digitais, vídeo-poemas, hipercontos, entre outros, o que também não deixa de ser uma forma de ler para aprender. Aprender a refletir, aprender para a vida. O texto literário tem suas singularidades de forma e de linguagem, além de ter conexão com várias temáticas. Vamos procurar formas de desenvolver nos alunos a sensibilidade para a leitura literária (e, conseqüentemente, para a leitura em geral), assim como desenvolver diversas habilidades fundamentais de leitura e a capacidade de aprofundar as reflexões sobre temas variados. Vamos procurar uma forma de, usando textos literários, trabalhar temas, formas de dizer e perspectivas diferentes. Já temos algumas ideias e muitas teorias na cabeça. Acho que vai ser uma experiência preciosa.

Ah, certamente, Carla. Muito obrigada por expor suas ideias tão inspiradoras.

Ana Elisa Ribeiro é professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, onde atua na educação profissional técnica de nível médio, na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens.